

Migração para Linux nos servidores está entre as prioridades para 2015

As empresas estruturam suas estratégias de TI para 2015. Uma pesquisa realizada pela Red Hat, fornecedor de soluções de software de código aberto, com 115 empresas de variados portes, apontou que haverá uma demanda crescente pela adoção de Linux. No mundo corporativo, o OpenStack, de acordo com o estudo, está em alta.

Para quem aposta em cloud computing, a preferência será predominantemente por sistemas privados ou híbridos. A nuvem pública, no estudo da Red Hat, não desponta entre as prioridades. Apesar da crise econômica, que ainda ronda a Europa e, sobretudo, as economias emergentes, a previsão é de que orçamentos destinados à TI cresçam ou fiquem no mesmo patamar de 2014. A pesquisa mostrou ainda um interesse crescente em containers.

Um dos dados mais relevantes do estudo está relacionado aos orçamentos. Para 84% dos participantes, há um otimismo com relação às ver-

bas para 2015, sendo que 40% deles planejam um aumento, e 44% estimam que o orçamento continuará igual.

De acordo com os resultados da pesquisa, os participantes planejam aplicar esse orçamento em diversas iniciativas de TI em 2015. A lista inclui mobilidade e aplicativos móveis (69%); Big Data (68%); relacionamento com clientes (53%); computação em nuvem privada (46%) e DevOps (45%).

As empresas ouvidas também são otimistas quanto à crescente adoção de Linux em 2015. Para 59%, a intenção é usar o sistema operacional aberto para novos aplicativos ou serviços, ou implantações Greenfield. E 41% estão planejando uma migração para Linux (26% desejam migrar de Windows para Linux; 15% de UNIX para Linux).

Paul Cormier, presidente de Produtos e Tecnologias da Red Hat, havia feito uma análise anterior a essa pesquisa sobre a estratégia de nuvem de uma organização. Segundo ele, a adoção de cloud computing "poderia ser a decisão mais crucial que ela tomará nesta década". Embora a nuvem tenha se tornado, de fato, uma realidade corporativa, 32% dos participantes da pesquisa relatam que suas organizações ainda estão determinando sua estratégia de nuvem na chegada de 2015. Das organizações que já estão adotando a nuvem, as estratégias prioritárias de implantação da nuvem estão concentradas em estruturas privadas (27%) ou híbridas (26%). A pública (15%) tem menos adeptos.

Quando perguntados sobre os principais benefícios da computação em nuvem, a maioria dos participantes da pesquisa citou a economia de custos (59%). Em seguida vêm escalabilidade (55%); acessibilidade – que inclui mobilidade e continuidade dos negócios (53%); velocidade de implantação (50%) e a capacidade de substituir a tecnologia legada no local (48%). ■



TAL ET TOUCH | FLICKR CREATIVE COMMONS

Desafios que conexão e computação em nuvem enfrentarão em 2015

A popularidade da computação em nuvem é incontestável, afinal, é uma solução de baixo custo e que apresenta claros benefícios de produtividade. Como as empresas buscam atingir resultados expressivos com menores investimentos, é natural observar adesão crescente deste mercado.

Soma-se a este cenário o fato de que a economia brasileira está desacelerada e as companhias procuram desonerar suas áreas de Tecnologia da Informação para, então, concentrar todos os esforços em seus negócios.

Um estudo da Frost & Sullivan reafirma esta tendência ao apontar que as organizações deverão investir cerca de US\$ 1,1 bilhão em cloud computing até 2017 – aportes que, em 2013, foram equivalentes a US\$ 328,8 milhões. Os investimentos são relevantes, mas e o direcionamento? É, de fato, assertivo?

Quando o assunto é cloud computing, a primeira palavra que aparece em nossas mentes, geralmente, é a segurança. Claro que é uma característica importante, mas a conectividade também é ponto fundamental para o desenvolvimento das empresas. Uma nuvem segura pode ser sinônimo de mais eficiência dentro das organizações somente se acompanhada de aspectos como acesso ágil e conexão de qualidade.

Vale lembrar que a infraestrutura para prover essa conectividade é diferente de região para região. Surge então o assunto: Pontos de Troca de Tráfego (PTT), que garantem uma conexão segura e, principalmente, eficiente e confiável.

Os PTTs funcionam como um ponto de convergência, onde os provedores conectam seus servidores para facilitar a troca de dados. Aqui no Brasil, o Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto Br (Nic.br) cuida do projeto PTT.br.

A organização já investiu em 26 Pontos de Tráfego no país], pois, quanto maior e melhor for um PTT, mais os provedores conseguem trocar dados. Como consequência, eliminam-se os intermediários e os processos tornam-se mais eficientes, não existe necessidade de passar por diversos saltos de rede ou pools que, por apresentarem, muitas vezes, pontos de falha, podem aumentar significativamente a latência.

Pontos de Troca de Tráfego aproximam os usuários do conteúdo e, justamente nessa tendência de convergir interações, surge também a ideia pioneira de Cloud Exchange. Seu objetivo é

concentrar os fornecedores e os compradores de cloud computing em um mesmo ambiente.

Para uma empresa interessada em computação em nuvem, a ideia de Cloud Exchange é um enorme facilitador, já que a conectividade deixa de ser um empecilho potencial. O acesso à cloud fica simples, descomplicado – a organização consegue se conectar com qualquer outro player do ambiente.

Imagine a riqueza de negócios existente em um ecossistema onde as companhias conseguem acessar recursos de nuvem com o melhor processamento possível. Com a conexão direta empresa/provedor é possível extrair o melhor desempenho em nuvem.

O próximo grande passo do cloud computing é o PTT somado ao *Software Defined Networking*. O SDN chega para solucionar empecilhos de redes empresariais – cada vez mais complexas. São muitos e diferentes protocolos utilizados, desenvolvidos, em sua maioria, de forma independente um do outro.

Essa diversificação impede que a rede seja facilmente escalável ou, então, que outros dispositivos e aplicativos sejam acrescentados. Novos protocolos são gerados e isso acaba engessando muitos processos. O SDN separa os dados de acordo com as regras de um novo servidor, por exemplo.

Assim, uma vez conectada em um PTT de clouds, a empresa poderá escolher, através de um portal, em quais nuvens deseja estar conectada. São diferentes possibilidades de conexões virtuais e isoladas que permitem acesso aos dados e adequações sem atingir o funcionamento da rede de produção.

A nuvem, combinada ao SDN, estimula claramente a inovação dos processos, pois permite testar novas opções para antigos procedimentos. A cloud, certamente, é o próximo grande motor para gerar conteúdo e, por isso, precisamos ficar atentos para crescente necessidade de uma conexão cada vez melhor.

Os fornecedores ainda estão muito pulverizados, mas a ideia de Cloud Exchange pode mudar radicalmente – de hora para outra – este cenário. Os benefícios da nuvem vão muito além da redução de custos e os pontos de atenção para migrar a infraestrutura de TI de uma empresa para a cloud vão muito além da segurança.

**Eduardo Carvalho é presidente da Alog Data Centers do Brasil*